

Política e novas tecnologias — cruzamentos obrigatórios

OTÁVIO ALVES FILHO

Politizar as novas tecnologias: impacto sócio-técnico da informação digital e genética, de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Editora 34, 2003. 319 p.

Resumo O tema das novas tecnologias ocupa lugar central nos debates da contemporaneidade. O professor Laymert Garcia Santos é um pesquisador cuja obra apresenta elementos para novas reflexões. Seu livro aborda questões relativas à biodiversidade, à cultura e às artes, oferecendo argumentos para inserir tais temas nos debates políticos do cenário brasileiro.

Palavras-chave tecnologias, política, comunicação e cultura

Abstract The theme "New Technologies" occupies an important place in contemporary debates. A serious researcher, Professor Laymert Garcia Santos proposes in his book issues for further reflections and questions concerning biodiversity, culture and the arts, arguing that such themes should take place in the political debates of Brazilian scenario.

Key words technology, politics, communication

Politizar as novas tecnologias, livro de Laymert Garcia dos Santos lançado em 2003, é uma reunião de textos resultantes de sua produção ensaística da década de 90, com exceção de *Tempo de ensaio*, escrito na década de 80. Ainda que os textos não sejam inéditos nem tão recentes assim, eles têm caráter de grande atualidade, uma vez que estão sintonizados com os acontecimentos que, de um modo ou de outro, afetam a vida de todos nós.

O volume está organizado em quatro grandes blocos, intitulados "Tecnologia e Ambiente"; "Tecnologia e Sociedade"; "Tecnologia e Arte"; "Tecnologia e o Futuro do

Humano". Em cada um deles somos apresentados às discussões mais relevantes que orientam o debate sobre os destinos abertos para a humanidade face à revolução tecnológica em curso.

O primeiro capítulo está dedicado às discussões sobre as relações entre tecnologia e ambiente e às transformações decorrentes dos avanços que afetam diretamente a vida da sociedade. Nele, o autor apresenta as dúvidas e também as dificuldades para o enfrentamento de questões que ultrapassam domínios regionais. É de central importância, por exemplo, a evolução histórica dos debates e suas implicações de natureza jurídica. A questão tem interesse especial porque o autor mostra como o Brasil teve de adotar leis em consonância com as expectativas internacionais, sobretudo com a aprovação do sistema de patentes. Na verdade, o autor critica a política de ceder aos interesses internacionais representados pelas grandes corporações, contemplados na Lei de Propriedade Industrial, de 6 de maio de 1993.

O que Laymert afirma e convoca para reflexão é a importância que a revolução, determinada pelas novas tecnologias, tem para a vida e a sobrevivência da nação brasileira. Mostra como nossos legisladores têm conduzido essas questões, frente às pressões gigantescas dos grupos interessados na exploração de um patrimônio fundamental, que deve ser garantido para atender às necessidades nacionais. Dito de outra maneira, como enfrentar a onda de transformações da economia global, minimizando as perdas e maximizando os ganhos? De qual poder de fogo dispomos para negociar nossos interesses, no âmbito da OMC e de outros agentes internacionais que buscam regular a nova ordem mundial?

As reflexões a respeito têm particular importância para nós, brasileiros, pois a questão da biodiversidade é assunto que toca diretamente ao Brasil, país cuja riqueza é objeto da cobiça internacional. Os números apresentados por Laymert nos dão a dimensão dessa importância: *"Existem atualmente no mundo 8,5 milhões de km² de florestas tropicais úmidas, distribuídas pela América do Sul, África e Ásia; a Amazônia brasileira contém cerca de 40% dessas florestas"* (p. 17). E continua mostrando como nossa riqueza é imensa quando comparada a outros países, sobretudo os países do primeiro mundo, como a França. Enquanto o Brasil detém uma floresta em que são conhecidas mais de 2.500 espécies de árvores, nas florestas temperadas da França elas não passam de 50 espécies. Diante desses números tão eloquentes, e considerando a importância de tal patrimônio, sobretudo em decorrência da biotecnologia, é que o autor clama por uma consciência e pela necessidade de levar tais questões para o debate no seio da sociedade. Esse processo só será possível com uma politização que coloque o tema no centro dos debates nacionais.

No capítulo dedicado ao tema "tecnologia e sociedade", o autor tece considerações sobre a natureza mesma da revolução e aponta, de forma certa, a questão do

virtual como elemento essencial, o DNA das transformações. Os textos "Considerações sobre a realidade virtual" e "Consumindo o futuro", embora publicados em épocas diferentes, permitem ao leitor uma aproximação compreensiva bem apurada das noções e conceitos que norteiam as novas formas da organização da sociedade.

O primeiro texto faz referências às habilidades desenvolvidas por George Soros, mega investidor das bolsas que ganhou US\$ 1 bilhão especulando contra a libra esterlina, e que atua no grande cassino global das especulações financeiras. Soros encarna uma nova sensibilidade formatada para dar conta de especiais modos de ler o mundo. Revela como a humanidade lida com realidades que afetam milenares instituições, como o caso da noção de propriedade. O Direito vive dias revolucionários, ao ter de formular conceitos e noções inteiramente novos.

Particularmente interessantes são as referências às formas de produção, circulação e distribuição das riquezas num mundo em que a informação passa a ser a principal matéria prima. Citando várias fontes, o autor expõe a grandeza e a complexidade dos caminhos que foram abertos pela revolução digital. Somos conduzidos pelos textos a cruzamentos de intensas complexidades. Somos inundados por novidades que o professor traz à tona. Suas reflexões são agudas e, ao constatar certas realidades, faz perguntas pertinentes, mas não as responde. Fornece dados para uma reflexão sem "impor" uma verdade ou um julgamento final.

O texto "Limites e rupturas na esfera da informação" faz referência ao romance *Idoru*, de William Gibson, em que o personagem central, Colin Laney, atua, de certo modo, de forma muito similar a de George Soros. Ambos são leitores que desenvolveram habilidades especiais para ler os signos do mundo. Enquanto o personagem de Gibson é capaz de inferir o comportamento suicida de alguém, a partir dos dados obtidos nos acessos à rede, Soros é capaz de "ler", nas telas dos monitores das bolsas, uma realidade futura que não é dada pelo mundo real. A capacidade de antecipar o futuro parece constituir uma das maiores habilidades exigidas para viver no mundo das realidades virtuais.

No capítulo dedicado ao tema "tecnologia e arte", Laymert apresenta textos reflexivos sobre arte e textos de apresentações de catálogos de arte. Analisa obras contemporâneas e mostra-se entusiasmado com artistas que, na sua concepção, conseguem traduzir a riqueza e a complexidade do mundo atual, transformado por violentas mudanças. Ali, o leitor encontrará um homem apaixonado pela arte produzida na atualidade. Munido de referências teóricas de inspiração frankfurtiana, ele faz afirmações que, segundo me parece, contrariam os novos conceitos que se configuram.

É curioso observar, por exemplo, o derramado elogio feito à obra de Bill Viola, que Laymert denomina de "xamã eletrônico" (p. 185). Num mundo atravessado pela

racionalidade técnica, em que os processos mágicos são objeto de curiosidade turística, a arte eletrônica, tradutora dos novos tempos, é exatamente aquela que evoca aspectos da irracionalidade e do mundo dos mistérios relacionados ao sobrenatural e à magia. Como podem conviver idéias de realidade virtual, revolução digital, cálculos complexos envolvendo computadores com grande poder de processamento, ao lado de interações mágicas entre os elementos da natureza e conceitos de energia cósmica? O elogio do xamã, do mágico iluminado que traduz para os mortais as maravilhas do desconhecido, é estranho.

Outro artista mencionado com especial deferência é o poeta alemão Heiner Müller, que Laymert considera uma antena da raça. É interessante ler a orelha do livro, de autoria de Francisco de Oliveira, que traça um paralelo entre as observações de Heiner e as de um poeta desconhecido do Recife.

Atrevo-me a dizer que o entusiasmo de Laymert pela arte eletrônica parece comprometer a sua crítica cultural. Talvez a questão seja a dificuldade de se tratar temas tão díspares com a mesma propriedade. O mundo da arte guarda especificidades cujo aprofundamento exige um olhar muito particular.

O professor, no último capítulo, apresenta um possível destino do humano frente ao cruzamento com as tecnologias. Laymert apóia seus argumentos em autores como Richard Buckminster Fuller para alinhar-se ao lado dos que combatem o processo de globalização da economia. Aqui também comparece, inclusive, o comandante Marcos, que lidera o movimento dos Chiappas no México. O argumento principal desenvolvido neste capítulo procura mostrar como se faz necessária uma reação da sociedade frente a um capitalismo que rompe com todo o humanismo.

Difícil será conciliar uma visão de mundo que atenda às vozes do passado com uma realidade transformada pelas tecnologias. Laymert lembra, com propriedade, como é radical e profunda essa revolução, quando se refere a uma era em que passamos do sexo sem reprodução, para outra em que a reprodução é sem sexo.

Aqui vemos quão radicais e exóticas são tais mudanças. Fala-se do pós-humano, em que máquinas, animais e humanos poderão constituir um único ser.

O livro de Laymert é uma excelente introdução a temas tão caros aos nossos dias e sua leitura certamente enriquecerá as discussões daqueles que buscam compreender a atualidade.

OTÁVIO ALVES FILHO é doutorando do PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e professor do curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz Ilhéus Bahia.
otaviofilho@uol.com.br

*Resenha agendada em setembro de 2003
e aprovada em fevereiro de 2004.*